



**INSTITUTO DE HUMANIDADES – IH
CURSO DE BACHARELADO EM HUMANIDADES**

MOISÉS TAVARES CÁ

**NEGRAS (CON) VIVÊNCIAS ENTRE AFETOS, DISPUTAS POLÍTICAS E
IDEOLÓGICAS: O LUGAR DOS AFRICANOS NA UNILAB**

ACARAPE – CE

2023

MOISÉS TAVARES CÁ

**NEGRAS (CON) VIVÊNCIAS ENTRE AFETOS, DISPUTAS POLÍTICAS E
IDEOLÓGICAS: O LUGAR DOS AFRICANOS NA UNILAB**

Trabalho de Conclusão do Curso em formato de projeto de pesquisa do Curso de Bacharelado em Humanidades da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Humanidades sob a orientação do Professor

Doutor: Segone Ndangalila Cossa

ACARAPE – CE

2023

Negras (Con) Vivências Entre Afetos, Disputas Políticas e Ideológicas: O Lugar dos Africanos na Unilab

Trabalho de Conclusão do Curso em formato de projeto de pesquisa do Curso de Bacharelado em Humanidades da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Humanidades.

Aprovada em ____/____/_____.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Segone Ndangalila Cossa (professor orientador)

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB

Profra. Dra. Artemisa Odila Candé Monteiro

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB

Prof. Dr. Carlos Subuhana

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Fotos da Unilab	8
Figura 2- Fotos de Convivência na Unilab (Semana de África)	8

Sumário

1. APRESENTAÇÃO	6
2. JUSTIFICATIVAS.....	8
3. DELIMITAÇÃO.....	10
4. OBJETIVOS	10
4.1 Objetivo geral	10
4.2 Objetivos específicos.....	10
5. PROBLEMAS DA PESQUISA	10
5.1 Problema geral	11
6. HIPÓTESES	11
7. DISCUSSÃO TEÓRICA.....	11
7.1 Unilab: Os Caminhos da Fundação	11
7.2 Alguns Conceitos e Significados das Afetividade.....	15
7.3 A Complexidade do Conceito de Identidade e seu Reflexo nas Convivências Afetivas, Disputas Políticas e Ideológica	16
7.4 Incompatibilidades nos Desafios da Integração	18
8. METODOLOGIA.....	21
REFERÊNCIAS	22

1. APRESENTAÇÃO

Este trabalho é uma proposta de pesquisa sob o tema “Negras (con) vivências entre afetos, disputas políticas e ideológicas: o lugar dos/as africanos/as na Unilab”. O elemento principal da nossa pesquisa é a Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), instituição brasileira de ensino superior (IES).

A Unilab é uma autarquia vinculada ao Ministério da Educação do Brasil, com sede em Redenção, Ceará. Criada pela Lei nº 12.289, de 20 de Julho de 2010, e instalada em 25 de Maio de 2011, tendo como objetivo, ministrar o ensino superior, desenvolver pesquisas nas diversas áreas de conhecimento e promover a extensão universitária. Sua missão institucional específica é formar recursos humanos para contribuir com a integração entre o Brasil e os demais países da CPLP (Comunidade dos Países de Língua Portuguesa), especialmente Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP), bem como promover o desenvolvimento regional e o intercâmbio cultural, científico e educacional. (UNILAB, 2023).

Em termos de infra-estrutura, situam-nos, Diógenes e Aguiar (2013), que no Maciço de Baturité-CE, a Unilab conta com três campi: Campus da Liberdade, em Redenção; Campus dos Palmares, em Acarape; e Campus dos Malês, em São Francisco do Conde (BA). A sede administrativa, é o Campus da Liberdade onde se concentram os trabalhos de desenvolvimento pedagógico, político e institucional, localiza-se na cidade de Redenção.

Segundo autores Souza e Malomalo (2016, p. 157), a criação Unilab foi marcada pela instituição de uma comissão de implementação que, em 2008, apresentou-se como um sinal de aproximação efetiva entre o Brasil e a África. Pois, à luz da sua lei de fundação, das suas diretrizes e do seu estatuto, a Unilab estrutura-se no princípio da cooperação solidária com a missão de proporcionar a integração de seus membros e a interação de seus países de origem.

Dentre alguns fatores internos e externos que acompanharam os dois mandatos do governo Lula (2003-2010), Malomalo at all (2018), afirma que as demandas formuladas pelos movimentos sociais, especialmente o movimento negro brasileiro foram os fatores internos que ocasionaram o surgimento da Unilab, assim como a sua instalação nos municípios supramencionados, como cumprimento do Programa de Reestruturação e Expansão das Universidades (REUNI), do governo petista para a educação.

As políticas de interiorização da REUNI visavam a reestruturação e expansão ou, mais especificamente, a instalação de universidades nos territórios em vulnerabilidade, onde faltam universidades ou estão em precarização, em todo o território nacional brasileiro. “A UNILAB,

nesse sentido, cumpre dupla missão na política do governo Lula: a interiorização e a internacionalização do ensino superior brasileiro.” (MALOMALO et al, 2018, p. 532).

Destarte, pode se dizer que:

O governo brasileiro construiu uma política externa de cooperação Sul-Sul, na qual os países da América Latina e da África, especialmente os Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP), passaram a ocupar lugar de destaque. (...) O princípio que rege essa nova política externa brasileira é a solidariedade. Por isso, ela é conhecida como cooperação solidária ou diplomacia solidária. (...) A aproximação do governo Lula com a África deve ser interpretada na ótica que leva em conta o diálogo com o movimento negro e o crescimento daquele continente no início do século XXI. O que se sabe é que Lula se mostrou sensibilizado com os problemas sociais que afetavam os negros brasileiros e africanos, e, na busca de uma solução institucional, idealizou a UNILAB (SOUZA e MALOMALO, 2016, p. 262).

Como resultado dessa dupla visão política externa e interna de internacionalização e interiorização de modo a proporcionar um intercâmbio entre o Brasil e os países africanos da CPLP, Angola, Cabo Verde, Guiné Bissau, Moçambique, São Tomé e Príncipe, e Timor Leste, país da Ásia, a Unilab é presenteada com uma enorme diversidade étnica, religiosa e cultural africana, afro-brasileira, indígena, quilombola, cigana, entre outras.

Trata-se, essencialmente, de levantar um debate, provocar reflexões e questionamentos que mobilizem a comunidade negra da Unilab a uma movimentação político-institucional interna ou externa, que levem a tomadas de decisões e ações concretas, no que se refere às relações étnico-raciais entre negros/as africanos/as e negros/as brasileiros/as vinculados/as a instituição de ensino superior (IES) brasileira.

Pretende-se compreender o modo como se dão as convivências afetivas entre negros/as brasileiros/as e negros/as africanos/as na Unilab, através de discussões que incluem as abordagens sobre as complexidades dos conceitos de identidade, multiculturalismo, afetividade e outros conceitos afins, a fim de efetuar uma análise sobre as relações humanas afetivas e sociais entre negros/as brasileiros/as e negros/as africanos/as, que em diversas circunstâncias apresentam determinadas incompatibilidades que, de certo modo, resultam em disputas políticos e ideológicos que os/as colocam em lados opostos.

Figura 1- Fotos da Unilab



Fonte: <https://unilab.edu.br/onde-estamos/>. Acesso em: 12 de Julho de 2023

Figura 2- Confraternização no encerramento da disciplina de Psicologia da educação, do desenvolvimento e da aprendizagem II (Unilab).



Fonte: Feito pela profa. Dra. Fatima Maria Araujo Bertini no final da aula.

2. JUSTIFICATIVAS

A motivação para pensar, escrever, pesquisar e debater este assunto partiu de inquietações provocadas por uma série de acontecimentos que, a meu ver, tornam-se absurdos quando decorrem de indivíduos que pertencem ao mesmo segmento sociocultural. Numa altura em que quase no mundo inteiro e, principalmente, aqui, no Brasil, a atenção da maioria estava voltada para os casos de discriminações, xenofobia e racismo contra negros.

Enquanto isso, aqui, na Unilab, a concentração estava no acontecimento histórico que aqui se desenrolava. Já que, pela primeira vez, desde a criação da nossa universidade até ao momento, todos os reitores tinham sido posto por instâncias do governo e externas à

universidade. Porém, a essa dada altura, nos encontrávamos num legítimo processo político-democrático interno de eleições, para elegermos, nós mesmos/as, exercendo nossos (brasileiros/as e africanos/as) direitos, duas pessoas que assumiriam a cara da nossa instituição, para serem votadas e nomeadas aos cargos de reitor/a e vice-reitor/a da Unilab.

Em decorrência disto, com as tensões políticas das campanhas, foi-nos possível perceber que nada antes desse período eleitoral se viu capaz de trazer à tona o clímax interno e oculto das vivências afetivas e político-ideológicas, que revelam o quanto a Unilab, cuja criação reforça a ideia de respeito e reconhecimento à diferenças e de unidade na luta contra o racismo, xenofobia e discriminações, estava sendo palco de uma cultura de ódio, de segregação, intolerância, xenofobia, racismo e da reprodução de comportamentos racistas.

Em tempos de pandemia, estávamos todos/as, de certa maneira, trancados/as em casa, na luta pela sobrevivência ao vírus da covid-19, mas nada disso impediu que as tecnologias modernas, sobretudo, as redes sociais fossem palcos propícios para vários grupos identitários distintos, internos e externos, promoverem a cultura de fake-news, da difamação e do incentivo ao ódio, particularmente, entre negros/as brasileiros/as e africanos/as da Unilab.

Nessa altura, ninguém, mas ninguém mesmo, em sua mais sã consciência, poderia imaginar que as coisas fossem acabar da forma que acabaram, porque enquanto o mundo todo gritava com expressões americanas “black lives matter” (as vidas negras importam), aqui, nesse pedaço de solo americano, nessa universidade internacionalmente africana, ecoou-se um grito silencioso e taxativo, “some black lives matter” (algumas vidas negras importam).

De igual modo, foi possível escutar nos corredores digitais (whatsapp, instagram, facebook, etc.) e físicos desta universidade, dentre vários comentários completamente estereotipados, expressões como, “essa gente”, “esses africanos/as”. No final de tudo, o ambiente ficou literalmente polarizada, contendo num polo, em sua maioria, africanos/as, noutro polo, em sua maioria, brasileiros/as, ambos, em sua maioria, negros/as. Um absurdo!

Quase que ninguém percebia ou talvez haja vista grossa que, enquanto uns/umas exigiam um merecido respeito aos seus direitos, outros/as ainda estavam a tentar entender se tinham algum direito ou não. Pois, os que exigiam respeito aos seus direitos, eles/as mesmos/as, estavam tramando contra os/as outros/as, contra seus/suas semelhantes negros/as no uso dos seus direitos de liberdade político-democrática de voto.

Em suma, a comunidade negra da Unilab se viu dividido em pedaços, e essa é, precisamente, a razão pela qual questionamos, tendo em vista o racismo contra todos/as pretos/as: “estamos nesta situação por causa da nossa pele. Somos segregados colectivamente – o que pode ser mais lógico que reagir como um grupo?” (BIKO, 1990, p. 38).

Emprestando trechos da música do rapper angolano chamado Look Cem (2020), um monte de preto odiando um outro preto, me diz, sobre isso quem vai protestar? (...) E se o homem negro não gosta do seu irmão negro, como é que espera que o idiota do racista vai gostar? Muitos negros de pele clara se sentem superior, se essa porra não é racismo, então como eu a devo chamar?

Eu me encontro, entretanto, na mesma situação que rapper se encontrava, carrego as mesmas dúvidas que ele indagou, faço as mesmas críticas que ele problematizou, padeço das mesmas respostas que ele procurava e busco entender como seria possível que um grupo de pessoas da mesma cor de pele e com uma relação histórica comum de resistência a escravidão e do racismo, seriam capazes de agir assim? Portanto, é procura de respostas que justificam os interesses e a importância desta pesquisa.

3. DELIMITAÇÃO

A pesquisa pretende abordar de modo exclusivo as questões relacionadas às afetividades, disputas políticas e ideológicas entre negros brasileiros e africanos na Unilab, vinculados/as a essa IES no período entre 2020 a 2023, nos campi dos Estado do Ceará.

4. OBJETIVOS

4.1 Objetivo geral

- Compreender a maneira como se dão as convivências afetivas entre negros/as brasileiros/as e africanos/as na Unilab em contextos de disputas político-ideológicas que os/as colocam em lados opostos.

4.2 Objetivos específicos

- Refletir sobre a função/contribuição e a influência dos/as africanos/as na política institucional interna e nas tomadas de decisões importantes na Unilab;
- Identificar o/os motivo/os das disputas políticas e ideológicas e seus reflexos na convivência entre negros/as brasileiros e africanos/as na Unilab;
- Questionar a eficácia do modelo institucional de promoção à integração de que dispõe a Unilab para negros/as brasileiros/as e africanos/as.

5. PROBLEMAS DA PESQUISA

5.1 Problema geral

Como se dão as convivências afetivas entre negros/as brasileiros/as e africanos/as na Unilab em interações marcadas por disputas político-ideológicas antagônicas como são os casos de eleições para o diretório acadêmico ou outros eventos que mobilizam toda a comunidade unilabiana?

6. HIPÓTESES

H1: As disputas políticas e as divergências ideológicas entre negros/as brasileiros/as e africanos/as na Unilab revelam uma existência significativa dos complexos de superioridades e de inferioridades presentes no âmago da consciência histórica racial negra e da noção de um passado histórico comum entre negros/as brasileiros/as e africanos/as.

7. DISCUSSÃO TEÓRICA

Nas páginas a seguir, divididos em tópicos, nossa reflexão transcorre desde a contextualização histórica no âmbito da educação superior brasileira que levaram a criação da Unilab enquanto IES federal, abordamos alguns conceitos principais e significados da afetividade, conceitos e significados da identidade, falamos dos desafios da integração e de outros aspectos essenciais que condicionam as relações humanas afetivas, a vivência política interna e a interação da comunidade negra da Unilab.

Em determinados momentos questionamos a dinâmica da integração vigente na instituição, especialmente, no que se refere à integração entre comunidade negra africana e brasileira, mas não paramos por aí, avançamos com algumas propostas reflexivas que nos ajudam a alcançar os estágios de uma verdadeira e almejada integração, cujo proveito será de toda Unilab, não apenas da comunidade negra e possibilitará melhores condições de vivência.

7.1 UNILAB: OS CAMINHOS DA FUNDAÇÃO

Falar da Unilab torna-nos imperioso partir de alguns marcos históricos no âmbito da educação superior brasileira, de modo a pontuar alguns aspectos específicos que determinaram o surgimento dessa IES federal brasileira. De maneira muito breve apontaremos diversas circunstâncias históricas da educação superior brasileira que levaram a criação da Unilab.

Uma universidade federal brasileira internacional incomum, com objetivos e características únicas que se distinguem de qualquer outra IES federal brasileira, exceto a Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA), cuja semelhança está na internacionalização.

De acordo com Gomes e Vieira (2013), historicamente, a educação superior brasileira foi marcada por ciclos de expansões distintos e conexos a fatores econômicos, políticos e sociais do Brasil. Que vão desde a criação das primeiras IES nos anos sessenta do século XX ao início da segunda década de dois mil. A Unilab surgiu precisamente nesse período final, como consequência das articulações político-acadêmicas dos movimentos sociais, especialmente o movimento negro brasileiro, determinado na luta pela democratização do ensino, implementação de cotas raciais e inclusão da população negra e indígena no acesso à educação superior.

Diógenes e Aguiar (2013), apontam a Unilab como a primeira universidade criada especificamente para unificar o idioma português, consolidar a integração e disseminar o ensino a distância, entre os países da CPLP, especialmente os PALOP's. Dessa forma, ela se torna a segunda universidade criada no governo Lula com essa característica, à semelhança da Unila, do Estado do Paraná, na proposta de integrar o Brasil a outras nações a nível internacional. De igual modo, ela torna-se, também, a segunda universidade federal do Estado do Ceará, sendo a Universidade Federal do Ceará (UFC) a primeira.

A Unilab foi criada, de acordo com as autoras Gomes e Vieira (2013):

Em outubro de 2008, por meio da Secretaria de Educação Superior (SESU), o Ministério da Educação instituiu a Comissão de Implantação da UNILAB. [...] A Comissão levantou atividades para o planejamento institucional, preparou a organização da estrutura acadêmica e curricular e a administração de pessoal, patrimônio, orçamento e finanças etc. [...] Em 20 de julho de 2010, o Presidente da República sancionou a Lei nº 12.289 instituindo a UNILAB como universidade pública federal (GOMES e VIEIRA, 2013, p. 87).

Criada pela Lei nº 12.289, de 20 de Julho de 2010, instalada em 25 de Maio de 2011. A Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira é uma autarquia vinculada ao Ministério da Educação da República Federativa do Brasil, com sede em Redenção, no Estado do Ceará. As suas atividades administrativas e acadêmicas centralizam-se nos estados do Ceará e da Bahia. No Ceará, ela conta com unidades nos municípios de Redenção e Acarape. Na Bahia, a Unilab está localizada no município de São Francisco do Conde. (UNILAB, 2023).

Quanto aos objetivos, Diógenes e Aguiar (2013), declaram que:

A Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, de acordo com a sua Lei de criação, tem como objetivo ministrar ensino superior, desenvolver

pesquisas nas diversas áreas de conhecimento e promover a extensão universitária, tendo como missão institucional específica formar profissionais e cidadãos para contribuir com a integração entre o Brasil e os demais estados membros da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), especialmente os países africanos e Timor Leste, bem como promover o desenvolvimento regional e o intercâmbio cultural, científico e educacional (DIÓGENES e AGUIAR, 2013, p. 7).

As infra-estruturas, da UNILAB contam com quatro campi: o campus da Liberdade e Auroras, situados em Redenção; a Unidade Acadêmica dos Palmares, no município de Acarape e o campus dos Malês, localizado em São Francisco do Conde, na Bahia. Diferente do campi de Liberdade e Auroras e Palmares, o campus dos Malês iniciou suas atividades em 2014, com os cursos de Bacharelado em Humanidades (BHU) e Letras, com a direção em Redenção e as coordenadorias dos dois cursos funcionando no Estado da Bahia. (SOUZA e MALOMALO, 2016, P. 269).

Por sua vez, apontam os autores Malomalo et al (2018):

A Lei no 12.289, de 20 de julho de 2010, sancionada por Lula, institui a fundação desta universidade. A UNILAB, nesse sentido, cumpre dupla missão na política do governo Lula: a interiorização e a internacionalização do ensino superior brasileiro. A política de interiorização é parte da política da expansão do ensino superior no Brasil. Para atender a essa demanda, o então governo criou o Programa de Apoio a Planos de Reestruturação das Universidades Federais (REUNI). (MALOMALO et al, 2018, p. 532)

Ainda segundo Souza e Malomalo (2016, p. 257), a criação da Unilab “apresentou-se como um sinal de aproximação efetiva entre o Brasil e a África”, com suas estruturas de relação ancoradas no princípio de cooperação solidária entre o Brasil e a África a fim de proporcionar a integração entre cidadãos brasileiros e dos países membros dessa cooperação, especialmente dos PALOP.

Dentre os fatores que alicerçam a criação da Unilab, compreende-se que Souza e Malomalo (2016, p. 265), aponta as demandas políticas formuladas pelos movimentos sociais, especialmente o Movimento Negro brasileiro como o fator principal.

Entende-se, portanto, de acordo com Malomalo et al (2018, p. 531), a instituição da Unilab como cumprimento de uma agenda política do governo do Partido dos Trabalhadores (PT) para a educação e, também, dos anseios do presidente Lula. Porque tanto a interiorização como a internacionalização assumidas pelo governo brasileiro através da REUNI, partem de uma estratégia e de um desejo político maior, que visa efetuar uma reparação de danos historicamente causados ao povo negro particularmente ao povo africano. Assim sendo, a Unilab cumpre uma realização de uma dupla missão da estratégia política do governo PT, contribuindo para a interiorização e internacionalização no ensino superior.

Por um lado, o estado brasileiro se veria muito próximo da realização de uma das suas aspirações: a reparação histórica do povo brasileiro, especialmente o povo negro. E por outro, a Unilab, enquanto um lugar de socialização, de vivências acadêmicas, científicas, culturais, políticas, entre outras, seria presenteada com enorme e variadíssima diversidade humana, étnica, religiosa, cultural e política, marcada com a presença dos povos da África (Angola, Cabo Verde, Guiné Bissau, Moçambique, São Tomé e Príncipe), da Ásia (Timor Leste), e da América (Brasil).

UNILAB NO CENTRO DAS ASPIRAÇÕES DE REPARAÇÃO HISTÓRICA

Existe realidade, talvez utópica, que nos leva a pensar que todas as pessoas negras, especialmente africanas e seus descendentes da diáspora, se amam, ou pelo menos, deveriam se amar independentemente das suas diversidades e/ou divergências, ou seja, suas diferenças.

De acordo com Domingos (2017, p. 204), quando se trata do povo africano, “no meio dessa multiplicidade cultural complexa existe uma unidade dentro da diversidade, que é o fato da base cultural no fundamento, uma tradição filosófica e religiosa semelhante que, de certa maneira, poderíamos considerar comum, Muntu, ser humano”. Portanto, percebe-se que há um sentimento profundo e radical que une o povo africano.

Essa ideia visão também defendida por Biko:

A facilidade com que os africanos se comunicam entre si não é algo forçado pela autoridade, mas inerente à estrutura do povo africano. Assim, enquanto uma família branca pode permanecer numa determinada área sem conhecer os vizinhos, os africanos desenvolvem um sentimento comunitário depois de pouco tempo de convivência.” (BIKO, 1990, p. 42).

Diante dessa rica diversidade humana, e, por vezes, em contraste, a Unilab é uma universidade estratégica e politicamente projetada para esses dois povos brasileiros e africanos, se (re) encontrarem e partilharem o melhor de si na ciência, política, cultura, afeto e ideologia, ou seja, o melhor de suas virtudes humanas. Conforme afirmam os autores Cabral at all (2021, p.312), “O projeto UNILAB se destaca na ampliação, a interiorização, internacionalização e integração e do ensino superior.”

Pesembora, o tempo e a convivência na Unilab vem insistidamente provando um engano parcial, pois, infelizmente, por mais difícil que seja a realidade, é preciso admitir que pessoas negras também têm seus preconceitos entre si, também colocam seus semelhantes em

situações desconfortáveis, sabotam-se, falham umas com outras em vários sentidos e por diversos motivos que se apresentam de forma visível, oculta, subtil e/ou traiçoeira.

Não obstante, deve haver uma compreensão de que não é algo que se deva naturalizar entre negros. Dessarte, é preciso descobrir onde está o problema e procurar combatê-lo ao esgotamento, ou, pelo menos, torná-lo em algo menos ofensivo às nossas vidas negras africanas e afrodescendentes na Unilab e no mundo inteiro.

De fato, com Malomalo (2016), percebe-se que a grande ambição do projeto da Unilab passa pela reconstrução de uma relação de (re) aproximação dos povos africanos e brasileiros de descendências africanas, ligados por um infeliz passado histórico comum de invasão selvagem dos bárbaros colonialistas portugueses aos nossos territórios, dos abusos da colonização, da escravização, da exploração humana e do desumano e escancarado racismo religioso extremamente abusivo que se deu por uma imposição do cristianismo católico sobre as mais diversas formas de espiritualidades africanas aborígenes e endógenas. Portanto, essa reaproximação se efetuará através de um intercâmbio de internacionalização e integração intercultural, académica, científica, política e ideológica entre estes povos historicamente marginalizados.

7.2 ALGUNS CONCEITOS E SIGNIFICADOS DAS AFETIVIDADE

As palavras e expressões ganham diversos significados, interpretações e ressignificações com o passar de tempo a depender de vários factores relacionados ao contexto da fala. De mesmo modo, o termo “afetividade” não escapa a essa dinâmica. Desarte, trazemos dois autores que nos ajudam a compreender a essência as especificidades da afetividade.

A afectividade é, segundo Antunes (2006):

Um conjunto de fenômenos psíquicos que se manifestam sob a forma de emoções que provocam sentimentos. A afetividade se encontra “escrita” na história genética da pessoa humana e deve-se à evolução biológica da espécie. Como o ser humano nasce extremamente imaturo, sua sobrevivência requer a necessidade do outro, e essa necessidade se traduz em amor (ANTUNES, 2006, p.5).

Desse modo, percebe-se que a afetividade é algo inerente ao ser humano. É um elemento biológico da genética humana que determina grande parte do desenvolvimento das pessoas. É um conjunto de propriedades psíquicas que se exteriorizam em forma de emoções provocando sentimentos que se traduzem na demonstração de amor e afeto.

Enfatizando uma outra dimensão importante, afirma Vigotsky (1988):

A afetividade é um elemento cultural que faz com que tenha peculiaridades de acordo com cada cultura. Elemento importante em todas as etapas da vida da pessoa, a afetividade tem relevância fundamental no processo ensino aprendizagem no que

diz respeito à motivação, avaliação e relação-professor e aluno (VYGOTSKY, 1988, p.42).

Dito isto, Vigotsky apresenta-nos uma outra dimensão da afetividade quando se lhe associa à cultura, ampliando, dessa forma, o seu significado e importância na convivência entre humanos. Vigotsky traz-nos à compreensão da importância da afetividade como elemento fundamentalmente relevante na convivência e na partilha de saberes e experiências de vidas, quer sejam culturais, científicas, ideológicas, políticas artísticas entre outras.

A afetividade é o elemento motivador no processo de socialização acadêmica, portanto, é indispensável ao desenvolvimento físico, intelectual, emocional, cultural e científico. Em suma, Compreende-se que as peculiaridades duma determinada cultura determinam fortemente o tipo de afetividade que as pessoas vinculadas a essa cultura vão desenvolver, de igual modo, o tipo de afetividade que as pessoas possuem molda sua a dinâmica sociocultural.

7.3 A COMPLEXIDADE DO CONCEITO DE IDENTIDADE E SEU REFLEXO NAS CONVIVÊNCIAS AFETIVAS, DISPUTAS POLÍTICAS E IDEOLÓGICA

Antes de adentrarmos na reflexão acerca das convivências afetivas, das disputas políticas e ideológicas entre negros/as brasileiros/as e africanos/as e o modo como estão atrelados às complexidades do conceito de identidade, Importa, portanto, antes de tudo, esclarecer que faz-se uso do termo “negro” neste trabalho enquanto conceito que, no Brasil, designa pessoas classificadas como pretas e pardas aos critérios do IBGE e do IPEA:

Indicam que se justifica agregarmos pretos e pardos para formarmos, tecnicamente, o grupo racial negro, visto que a situação destes dois últimos grupos raciais é, de um lado, bem semelhante, e, de outro lado, bem distante ou desigual quando comparada com a situação do grupo racial branco. Assim sendo, ante a semelhança estatística entre pretos e pardos em termos de obtenção de direitos legais e legítimos, pensamos ser plausível agregarmos esses dois grupos raciais numa mesma categoria, a de negros. (...) a diferença entre pretos e pardos no que diz respeito à obtenção de vantagens sociais e outros importantes bens e benefícios (ou mesmo em termos de exclusão dos seus direitos legais e legítimos) é tão insignificante estatisticamente que podemos agregá-los numa única categoria, a de negros, uma vez que o racismo no Brasil não faz distinção significativa entre pretos e pardos, como se imagina no senso comum (SANTOS, 2002, p.13 apud 2017).

Com base nestas justificativas, por um lado, existe uma população na Unilab que estamos a chamar de comunidade negra, formada por todos os/as negros/as brasileiros/as os/as africanos/as desta instituição de ensino. Por outro lado, em virtude das questões linguísticas,

entende-se que fazem parte duma sociedade maior chamada lusofonia, devido ao uso da língua portuguesa como língua oficial, como nos colocam as autoras Gomes e Vieira (2013):

Outro ponto de fundamental importância é a questão da lusofonia. Cinco países da África foram colônias portuguesas e usam o português como língua oficial: Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e São Tomé e Príncipe. Completam a lista dos oito países que compõem o contexto lusófono o Brasil, Portugal e Timor-Leste. (GOMES & VIEIRA, 2013, p.9).

Analisando as narrativas de Lewis R. Gordon no prefácio da obra de Fanon (2008, p. 13), *Pele Negra Máscaras Brancas*, percebe-se que a sociedade lusófona é uma sociedade que pouco assume seus problemas e defeitos quando se trata da questão racial ou do racismo em si e, ainda assim atribui esses problemas e defeitos aos outros como francófonos e anglófonos.

Em consequência disso, qualquer trabalho que acusa tratar desses problemas corre o risco de ser recebido por uma esmagadora maioria com “escândalo e indiferença”. Contudo, é necessário que haja alguém com coragem, disposição, intenção de aprofundar estudos nessa direção com vista alcançar as soluções dos problemas antes de esperar que haja alguma solução sobrenatural.

Na sociedade do apartheid na África do Sul, ao deparar com o dilema da integração, Steve Biko (1990) afirmou:

Apresso-me em dizer que não estou afirmando que a segregação é necessariamente uma ordem natural, no entanto, uma vez que um grupo goza de privilégios à custa de outro, torna-se evidente que uma integração arranjada às pressas não pode ser a solução do problema. (BIKO, 1990, p. 33).

Entretanto, dificilmente alcançaríamos soluções tão fáceis para problemas complexos como a garantia de unidade na diversidade. Porém, torna-se indispensável à compreensão dos dilemas da integração, o entendimento de que, quando se trata da população negra está a se tratar de uma questão de identidade, da identidade negra.

De acordo com Munanga (2012, p. 8), “falar de identidade negra no Brasil supõe a existência de outras identidades, além da nacional. O que nos remete ao contexto de um país multicultural e multirracial, ou seja, ao multiculturalismo”. Portanto, entende-se que a UNILAB é uma universidade multicultural.

No entanto, para o mesmo autor, multiculturalismo parte da existência de mais de uma cultura, comunidade religiosa, linguística ou étnica, na mesma sociedade, estado, nação ou território geográfico. (MUNANGA, 2012, p. 7).

Haja vista este aspeto quando se trata da Unilab, pois trata-se de uma universidade multicultural e multirracial com uma presença étnica, negra e africana diversa, por sorte do intercâmbio internacional entre o Brasil e a África e também uma presença significativa população negra brasileira geralmente advindas de algures do território brasileiro.

Para Domingos (2017, p. 204), quanto a população negra, independentemente das suas multiplicidades culturais complexas há uma unidade intrínseca fundamental atrelada a essa diversidade, que é a existência de uma tradição filosófica e religiosa semelhante e comum, o “Muntu”, que é o respeito, o reconhecimento e o valor dado a essa dimensão humana de todas as pessoas, especialmente negras.

Do mesmo modo, Munanga (2012), observa-se que o multiculturalismo é uma corrente de pensamento, filosófica e ideológica que defende o reconhecimento público da existência das diferenças no seio de uma nação. Não obstante, entendemos que é preciso enfatizar o fato de que as diferenças não são as únicas marcas características que podem ser notados entre pessoas negras das nacionalidades que compõem a Unilab.

De certo modo, faz-se necessário, no tempo presente, na Unilab, entre os negros brasileiros e africanos, o resgate dessa tradição para “restituir ao povo negro a ênfase que damos ao relacionamento humano.” (BIKO, 1990, p. 90).

Após tratarmos da questão da identidade e sua influência nas diversas formas de relações entre negros brasileiros e africanos na Unilab, principalmente as relações afetivas políticas e ideológicas. No tópico a seguir veremos quais são os motivos e consequências das disputas políticas e ideológicas entre negros africanos e brasileiros na Unilab. Também abordaremos a questão da necessidade de união entre negros africanos e brasileiros no enfrentamento ao racismo e discriminações.

7.4 INCOMPATIBILIDADES NOS DESAFIOS DA INTEGRAÇÃO

No contexto específico da Unilab, qualquer olhar atento e minucioso dará conta das incompatibilidades afetivas que desencadeiam diversas divergências ideológicas que, por sua vez, de modo infalível, conduzem às inúmeras variáveis de disputas internas, principalmente, políticas, ideológicas e culturais entre unilabianos. Entretanto, para fins específicos focaremos nas situações que envolvem exclusivamente a população negra.

De fato, várias situações constrangedoras levam a questionamentos sobre a relação do negro africano com o negro brasileiro. Ou seja, quais são as semelhanças e diferenças ente estes dois segmentos humanos? Contudo, ainda que obtenhamos essas respostas uma pergunta subsistiria, e essa seria, quais são os motivos das disputas políticas e ideológicas entre esses dois grupos humanos? Portanto, por uma questão que lava em conta o deslocamento dos africanos de suas terras de origem ao solo brasileiro, importa questionar quais são as

consequências dessas divergências e disputas na vida acadêmica, científica, política e profissional deles na Unilab? E, por fim, é de suma importância saber se há alguma solução para estas divergências? E se há, qual seria e como apropriar-se dela?

Como salienta, Munanga (2012):

A negritude não se refere somente à cultura dos portadores da pele negra, que aliás, são todos culturalmente diferentes. Na realidade, o que esses grupos humanos têm fundamentalmente em comum não é, como parece indicar o termo negritude, a cor da pele, mas sim o fato de terem sido na história vítimas das piores tentativas de desumanização e terem sido suas culturas não apenas objeto de políticas sistemáticas de destruição, mais do que isso, ter sido simplesmente negada a existência dessas culturas (MUNANGA, 2012, p. 12).

A Criação da UNILAB foi a concretização de um projeto do governo do presidente Luíz Inácio da Silva (Lula), e entende-se que foi movido por uma tomada de consciência sobre os prejuízos causados à África pelos processos da colonização e da escravização do povo africano ao qual se inclui no grupo que o autor faz menção.

Segundo Souza e Malomalo (2016, p. 263), percebe-se que de forma estratégica e com uma sagacidade política impressionante implantou-se no Ceará e na Bahia uma IES Federal no sentido de servir de um instrumento político que pudesse levar a um possível tributo ao povo africano. Servindo de igual modo para uma possível condição de reparação histórica da identidade negra do povo negro-brasileiro ou afro-brasileiro.

Segundo Gomes & Vieira (2013):

Em outubro de 2008, por meio da Secretaria de Educação Superior (SESU), o Ministério da Educação, institui a Comissão de Implantação da UNILAB que, ao longo de dois anos, fez levantamentos e estudos a respeito de temas e problemas comuns ao Brasil e países parceiros nessa integração. A Comissão levantou atividades para o planejamento institucional, preparou a organização da estrutura acadêmica e curricular e a administração de pessoal, patrimônio, orçamento e finanças etc.(GOMES & VIEIRA, 2013, 87).

Constata-se que grandes esforços políticos, intelectuais e económicos foram impregnados na criação duma universidade federal internacional que, muito além de ministrar o ensino superior, desenvolver pesquisas nas diversas áreas de conhecimento, promover a extensão universitária e formar recursos humanos, consiste em levar/trazer o negro brasileiro mais perto possível do negro africano, aproximando assim, os afro-brasileiros de suas origens e resgatar a sua identidade, a identidade de seus ancestrais.

Desse modo, vale reconhecer que no cenário do debate político-acadêmico actual, acerca da identidade negra, aliás, das identidades negras, é urgente olharmos para a questão da necessidade de convergências entre africanos e brasileiros na Unilab. Mas, pensando sobre a questão das incompatibilidades afetivas e desafios face ao processo de integração, deve se ter

uma noção assegurada de que qualquer mecanismo de integração utilizado para unir a população negra ds Unilab, também pode ser aproveitado pelos racistas de maneira camuflada para implantar ódio e meio desse grupo humano.

Portanto, o recurso ao processo da integração requer um entendimento prévio dos seus deslizes. Para isso, queremos nos despir agora das nossas certezas baseadas em tudo quanto é disputa que já presenciamos na Unilab e deixar que Steve Biko (1990) fale por nós pelo menos hoje, ninguém melhor que ele que viveu numa sociedade que mais segregou pessoas no mundo – o apartheid – para nos explicar esse lado oculto da integração:

Por esse motivo vemos organizações e partidos políticos multirraciais e organizações estudantis “não raciais”, todos os quais insistem na integração não só como um objetivo final, mas também como um meio. A integração de que falam é, em primeiro lugar, artificial, antes de tudo por resultar mais de uma manobra consciente do que uma orientação profunda da alma. Em outras palavras, as pessoas que formam o organismo integrado foram extraídas de várias sociedades segregadas, com seus complexos de superioridade e de inferioridade introjetados, complexos que continuam a se manifestar mesmo na estrutura “não racial” do organismo integrado. Portanto, a integração assim obtida é uma via e mão única, na qual os brancos são os únicos a falar, cabendo aos negros escutar. Apresso-me em dizer que não estou a firmando que a segregação é necessariamente uma ordem natural, no entanto, uma vez que um grupo goza de de privilégios à custa de outro, torna-se evidente que uma integração arranjada às pressas não pode ser a solução do problema. (BIKO, 1990, p. 33).

Oxalá tenhamos condições de, mesmo sendo conduzidos por fortes emoções, jamais padeceremos do equilíbrio necessário para abordagem desse fenômeno. Durante o processo eleitoral do Centro Acadêmico do Bacharelado Interdisciplinar em Humanidade (CA-BHU) de 2021 e durante o mandato, durante o processo para a eleição dos representantes do Diretório Central dos Estudantes (DCE-UNILAB), nos restaurantes universitários (RU), nos intercâmpis e nas festas de confraternizações entre as comunidades.

Nas diversas assembleias gerais dos diversos cursos e nas salas de aulas. No processo eleitoral da reitoria. E quem diria, nas celebrações do Dia da África? Nos mais diversos atos e manifestações em defesa dos direitos de estudantes. Em todas as esferas da vida nessa universidade pulsam sentimentos negativos e é possível ver negros brasileiros e africanos se digladiarem, e, muitas vezes, os motivos dessas lutas deixam muito a desejar, e muito menos os ganhos compensam as perdas e os danos, quer sejam materiais ou imateriais.

Contudo, sobre os motivos e as consequências de todas essas disputas, já dizia Fonon (2008, p. 25), “não venho armado de verdades decisivas. [...] Entretanto, com toda a serenidade, penso que é bom que certas coisas sejam ditas. [...] Essas coisas, vou dizê-las, não gritá-las. Pois há muito tempo que o grito não faz mais parte de minha vida”. Alguém precisa chamar a atenção da população negra da Unilab quanto aos perigos da divisão interna,

da fragmentação e da formação de grupos antagônicos, que promovem a fragilidade e a impotência do coletivo diante do sistema da gigantesca estrutura do racismo que opera neste país. Por isso, de modo a propôr soluções ao dilema da integração, retornamos ao Biko (1990):

Uma verdadeira integração não precisa de planejamento ou estímulo. Quando os vários grupos de uma comunidade se afirmam o suficiente para que haja respeito mútuo, temos então os pontos básicos para uma integração verdadeira e significativa. No coração da verdadeira integração se encontram elementos para que cada pessoa e cada grupo cresçam e atinjam a identidade almejada. É preciso que cada grupo seja capaz de alcançar seu estilo de vida sem invadir ou ser frustrado por outro. Do respeito mútuo e da total liberdade de autodeterminação com certeza surgirá uma genuína fusão dos estilos de vida distintos. Essa é a verdadeira integração” (p. 33).

Nota-se que a oposição de Steve Biko ao planejamento ou estímulo no âmbito de integração deve-se ao fato de tê-los como elementos básicos em justaposição ao respeito as diferenças de estilos de vida e a não invasão as particularidades dos outros. Portanto, somente do respeito mútuo e da liberdade de existências que surgirá a verdadeira integração.

8. METODOLOGIA

Quanto à natureza, a nossa pesquisa será de uma abordagem qualitativa, que consiste no aprofundamento da temática. É um método que se baseia no levantamento de dados. Para Godoy (1995, p. 62), “a pesquisa qualitativa tem o ambiente natural como fonte direta de dados e o pesquisador como instrumental fundamental, os estudos denominados qualitativos têm como preocupação fundamental o estudo e análise do mundo empírico em seu ambiente natural”.

Para Silveira e Córdova (2009, p. 31), a pesquisa qualitativa não se preocupa com a representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, etc.

Quanto ao tipo, a nossa pesquisa irá se basear no método de abordagem documental, bibliográfico, através dos artigos, livros, e entre outros, neste caso, a revisão da literatura. Que, para (FONSECA, 2002, p. 32) “pesquisa documental trilha os mesmos caminhos da pesquisa bibliográfica, não sendo fácil por vezes distingui-las. A pesquisa bibliográfica utiliza fontes constituídas por material já elaborado, constituído basicamente por livros e artigos científicos localizados em bibliotecas”. Enquanto a abordagem bibliográfica segundo Gil,

(2002, P.44), “A pesquisa bibliográfica é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos.

Embora em quase todos os estudos seja exigido algum tipo de trabalho desta natureza, há pesquisas desenvolvidas exclusivamente a partir de fontes bibliográficas”. Para o Brizola (2016), a revisão da Literatura ou RI, é nada mais do que a reunião ou a junção de ideias de diferentes autores sobre determinado tema, conseguidas através de leituras, de pesquisas realizadas pelo pesquisador. Neste caso, a revisão da literatura demonstra que o pesquisador está actualizado nas últimas discussões no campo de conhecimento em investigação. Além de artigos em periódicos nacionais e internacionais e livros já publicados.

REFERÊNCIAS

MALOMALO, Bas’Ilele, LOURAU, Julie, SOUZA, Osmaria Rosa. **A Unilab na perspectiva da cooperação sul-sul: uma análise crítica decolonial africana**. Cadernos do CEAS, Salvador/Recife, n. 245, p. 517-552, set./dez., 2018.

BRIZOLA, Jairo; FANTIN, Nádia. Revisão da literatura e revisão sistemática da literatura. **Revista de Educação do Vale do Arinos-RELVA**, v. 3, n. 2, 2016.

Unilab campos de ceará, disponível em: <https://unilab.edu.br/onde-estamos/>. Acesso em: 12 de Julho de 2023.

CEM, Look. **Preto**. 2020 Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=GFhX8R56hgk>. Acesso em 14 de Julho de 2023.

DIÓGENES, Camila Gomes, AGUIAR José Reginaldo(organizadores), **UNILAB : Caminhos e Desafios Acadêmicos da Cooperação Sul-Sul / Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira**. Redenção: UNILAB, 2013.

DOMINGOS, Luís Tomás. **Entre Estigmas e Traumas de Violência de Colonização e Escravidão: afirmação de identidade afro descendência**, São Leopoldo | v. 22 n. 2 | p. 190-208 | jul.-dez. **2017**.

SOUZA, Osmaria Rosa, MALOMALO Bas’Ilele. **Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira e os desafios da integração perante o racismo contra os/as estudantes africanos/as no Ceará**. Interfaces Brasil/Canadá. Canoas, v. 16, n. 1, p. 256–293, 2016.

GODOY, Arilda Schmidt. **Introdução à Pesquisa Qualitativa e Suas Possibilidades**. São Paulo, v. 35, n. 2, p. 57-63. 1995

- SILVEIRA Denise Tolfo, CÓRDOVA Fernanda Peixoto. **UNIDADE 2 – A PESQUISA CIENTÍFICA** 1a edição: 2009, Rio Grande do Sul
- GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa** -p5- 4. ed. - São Paulo: Atlas, 2002.
- BIKO, Steve. **Escrevo o que eu quero**. São Paulo, 1990.
- GOMES, Nilma Lino, VIEIRA, Sofia Lerche. **Construindo uma ponte Brasil-África: a Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Luso-Afrobrasileira (UNILAB)**. Revista Lusófona de Educação, ed.- 24, 2013.
- UNILAB. **Unilab – Institucional**. 2023. Disponível em: <https://unilab.edu.br/institucional-2/>. Acesso em: 4 de Maio 2023.
- MUNANGA, Kabengele. **RELAÇÕES ÁFRICA-BRASIL: O QUE SERIA?** Revista do PPGCS – UFRB – Novos Olhares Sociais | Vol.1 - n.1 - 2018.
- GOMES, Nilma Lino. **Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no brasil: uma breve discussão**. Saberes Tradicionais UFMG, 2017.
- FANON, Frantz. **Pele Negra Máscaras Brancas**. EDUFBA Salvador, 2008
- VYGOTSKY, L.S.et al. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. São Paulo: Ícone/Edusp, 1988.
- ANTUNES, Celso. **A afetividade na escola: educando com firmeza**. Londrina: Maxiprint, 2006.194p.